

EXPERIÊNCIAS CHARNEIRAS: UM ESTUDO NARRATIVO COM MULHERES EM SITUAÇÃO DE PRIVAÇÃO DE LIBERDADE

FATIANE NOGUEIRASILVEIRA¹; CRISTHIANNY BENTO BARREIRO²

¹Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Sul-rio-grandense – email fatianens@gmail.com

²Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Sul-rio-grandense – email crisbbarreiro@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

A prisão é uma instituição que faz parte da sociedade, tem como fim um poder punitivo, uma técnica corretiva para os sujeitos que aparentemente não cumpriram as normas sociais consideradas corretas. “A prisão é “natural” como é “natural” na nossa sociedade o uso do tempo para medir as trocas. “[...] A prisão: um quartel pouco estrito, uma escola sem indulgência, uma oficina sombria, a forma mais imediata e mais civilizada de todas as penas.”(Foucault 2004. p.196)

O presente trabalho aborda a investigação sobre a história de vida de mulheres encarceradas no presídio Municipal de Jaguarão/RS, a partir de suas próprias narrativas. Uma reflexão sobre a privação da liberdade feminina nos dias atuais, a partir da seguinte questão: **Qual experiências são apontadas pelas mulheres apenadas em suas narrativas como charneira?** Desta forma, objetiva-se com esta pesquisa compreender as experiências significativas das mulheres apenadas, a partir de suas narrativas, além de constituir espaços de emancipação e empoderamento destas mulheres, através da construção de suas histórias, que serão mediadas pela literatura. A seguir, apresenta-se brevemente as referências teóricas que sustentam a pesquisa, o percurso metodológico construído, bem como resultados e discussões iniciais.

A relação entre a educação e a prisão toma destaque através da obra de Foucault (1987) “Vigiar e Punir”. O processo de disciplinarização das pessoas e seus corpos, juntamente com a história da criminalidade das penas e das prisões remete-o também a uma escola punitiva onde há um sistema de comando que exige uma resposta desejada. Escolas e prisões fabricam indivíduos.

Foucault (1987) mostra que o poder de punir se modificou através dos tempos das torturas mais chocantes até o sistema prisional vigente.

Este sistema parece não investir em prevenção, em reeducação, (re)socialização e reinserção dos apenados, permanecendo, por vezes, o dever apenas presente no discurso teórico e nas leis.

Ao se tornarem encarceradas, as mulheres, que muitas vezes são responsáveis pelo sustento da família, perdem sua liberdade e sua identidade, passando a fazer parte de um sistema penitenciário que, por vezes, parece fabricar identidades delinquentes. Foucault (1987, p.223) acentua que

[...] a prisão fabrica indiretamente delinquentes, ao fazer cair na miséria a família do detento. A mesma ordem que manda para a prisão o chefe da família reduz cada dia da mãe a penúria, os filhos ao abandono, a família inteira a vagabundagem e a mendicância. Sob esse ponto de vista o crime ameaça a prolongar-se.

Essa instituição parece absorver indivíduos com a intenção de corrigi-los, seguindo as leis vigentes que garantem muitos direitos aos presos, porém o que se percebe é que a sociedade não recebe o preso permitindo-lhe uma construção identitária capaz de ultrapassar a situação de crime.

2. METODOLOGIA

Com abordagem qualitativa, esta pesquisa está se desenvolvendo dentro de uma perspectiva metodológica de âmbito (auto) biográfico ou pesquisa narrativa. As narrativas vêm se desenvolvendo muito no campo das ciências sociais e das ciências do humano¹ e configuram uma metodologia voltada para a construção de histórias de vida e para a formação.

Para Clandinin e Connelly (2011), a narrativa é o método de pesquisa e ao mesmo tempo o fenômeno a ser pesquisado. Sendo assim, esta pesquisa está sendo abordada através da narrativa de formação. Serão realizadas entrevistas abertas, que serão gravadas e transcritas, posteriormente, individualmente com pelo menos cinco mulheres.

Em um segundo momento, como dispositivo para que as lembranças venham à memória dessas mulheres, será desenvolvido um projeto literário e sócio-educativo através de oficinas em grupo que utilizam livros com autobiografias. A metodologia prevê também a construção de memórias autobiográficas, através do oral e do escrito. Após as entrevistas e as oficinas, as mesmas serão analisadas, buscando compreender os significados e sentidos do que os sujeitos de pesquisa narraram ao longo do trabalho.

A fim de atingir os objetivos propostos, estão sendo utilizados referenciais teóricos-metodológico tais como: Josso, Monberguer, Nóvoa, Abrahão, Ricoeur, cujos estudos baseiam-se nas narrativas de vida; também Foucault, que apresenta estudo sobre a história e práticas nas prisões.

Sendo um tipo de pesquisa formação, intenta contribuir para que as mulheres possam ter um espaço-tempo para (auto) conhecer-se e emancipar-se, já que através da fala pode haver uma tomada de consciência de si mesmo, efetivando-se uma possibilidade emancipatória.

A pesquisa formação caracteriza-se pela construção de narrativas, mediadas por um grupo, que se embasa nas vivências, aprendizagens e experiências que os sujeitos tiveram durante a sua vida. Cabe ressaltar a diferença entre experiência e vivência para uma melhor compreensão das possibilidades que este tipo de estudo traz: “as vivências atingem o status de experiência a partir do momento que fazemos certo trabalho reflexivo sobre o que se passou e sobre o que foi observado, percebido e sentido.” (JOSSO, 2010, p. 48)

Sendo assim, nas vivências e aprendizagens não há, necessariamente, uma modificação significativa na vida do sujeito, pois não houve uma reflexão, nem atribuição de sentido, nem tomada de consciência de si que levasse a uma mudança global da pessoa como se pode observar na experiência existencial. Nesta, a mudança deve envolver o sujeito como um todo no sentido biológico, psicológico, cultural e social.

“O primeiro momento de transformação de uma vivência em experiência inicia-se quando prestamos atenção no que se passa em nós e/ou na situação na qual estamos implicados, pela nossa simples presença. A nossa atenção consciente é de algum modo solicitada.”(JOSSO, 2010,p.99).

¹ Termo usado por Josso (2010) para designar as ciências que falam das diferentes dimensões do ser humano. Para ela não existem ciências não-humanas.

Durante a vida de uma pessoa, há várias circunstâncias em que o contínuo se rompe, onde há uma mudança, uma passagem de uma etapa para a outra da vida o que Josso (2010) chama de momento charneira, uma espécie de dobradiça, que faz o papel de articulação entre os momentos de vida. São situações tão fortes e significativos que podem mudar o rumo da história do sujeito.

Nessa perspectiva, ao escolher essa opção metodológica para a prática investigativa é preciso que o pesquisador olhe para si, se reconheça como sujeito e busque recordar e compreender seus percursos de vida. “Uma pesquisa é uma construção de conexões, de convivências que possam também, permitir outros olhares sobre si, possibilitar que se descubram outras potencialidades, sentir-se vinculado”. (JOSSO, 2010, p.79)

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

O estudo encontra-se em fase inicial. A pesquisa narrativa buscará analisar a trajetória e o sentido que cada mulher dá a sua vida. Conhecer essas mulheres em situação de confinamento e utilizar a literatura como mediadora para trazer a consciência lembranças ou memórias pessoais será uma maneira de levar aprendizagem. O estar com elas dentro do sistema prisional vigente será uma forma de propor um processo emancipatório através da narração.

E este processo começa no contato com a própria história e o perdido prazer de ler, escrever e aprender. Levar a leitura as mulheres encarceradas será uma forma de dar a possibilidade de construção de conhecimento, reflexão sobre a realidade e os vários papéis que na sociedade são desempenhados.

A literatura, através do uso da palavra e da língua (como instrumento), mostra situações e sensações para comunicar a realidade. Através da leitura poderá se estabelecer um diálogo com o texto e o mundo, pois o leitor faz parte de um grupo social e o texto media sujeitos leitores com a sociedade podendo levar ao resgate da cidadania e da integração social.

4. CONCLUSÕES

Com este trabalho, busca-se refletir sobre o sistema prisional no Brasil e, sobre a prisão feminina. Mais precisamente, pretende-se através das histórias de vida das mulheres em situação de privação de liberdade, construir um espaço de possibilidade de emancipação, permitindo que, ao contar a sua história, estas mulheres possam reconstruir o caminho já percorrido nas suas vidas, dando novos significados as mesmas. Pretende-se também identificar que outras formas de controle afetaram essas mulheres e quais as experiências truncadas² que a prisão lhes trouxe.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRAHÃO, M. H. M. B. **A aventura (auto) biográfica**. Porto Alegre: EDIPUC, 2004.

CLADININ, D.; CONNELLY, F. **Pesquisa Narrativa: experiências e história na pesquisa qualitativa**. Uberlândia: EDUFU, 2011.

² Experiência Truncada é segundo Josso (2010) uma experiência interrompida por algum acidente, ou uma experiência inacabada.

FOUCAULT, M. **Vigiar e Punir: nascimento da prisão**. Petrópolis: Vozes, 2004.

JOSSO, M-C. **Experiências de Vida e Formação**. Natal: EDUFRN; São Paulo: Paulus, 2010.

.